

Os tempos no tempo dos contos [de fadas]

Clara Nunes Correia

Abstract: This presentation focus on some important discussions about textual and grammatical conceptions of tense and referential time. With this purpose, the value of linguistic forms and constructions, considered as an important topic of the linguistic analysis, are discussed. The argument is centered mainly on Present tense values, in European Portuguese. Some texts authored by **James Finn Garner** (*Politically Correct Bedtime Stories: Modern Tales for Our Life and Times*) are the basis of this analysis.

1 - As construções temporais podem desencadear, à partida, ‘cânones’ textuais. Assim, aos valores de ‘*era uma vez*’ – enquanto marcador tradicional de abertura de histórias e contos tradicionais, constituindo igualmente uma forma de diferenciação entre planos de enunciação (o plano do tempo da enunciação e o plano do tempo da história) – associam, cognitivamente, localizações de uma história que se conta e cujo valor primeiro da leitura dissocia o tempo gramatical do tempo da enunciação. Esta ‘dissonância’ pode ainda ser corroborada pelas formas de localização temporal existente nos textos, quando associadas às formas de construção da referência nominal.

Nesta apresentação proponho mostrar, a partir de um *corpus* restrito – os contos de fadas [politicamente correctos] de **James Finn Garner** (Gradiva 1996) –

de que forma os valores dos tempos gramaticais desencadeiam construções que podem ser interpretadas como pluritemporais, localizadoras de acontecimentos linguísticos que se ligam a tempos de diferentes enunciações

2 - os *contos de fadas politicamente correctos* recorrem a fórmulas fixas de localização temporal. As aberturas dos contos – qualquer que seja a referência construída – caracterizam-se por apresentarem formas do imperfeito, associadas a um espaço construído com marcas de indefinidade. Desta forma definem, tal como se pode ver nos exemplos recolhidos, um plano enunciativo em ruptura com o plano da enunciação. De acordo com Sousa 2007, esta associação de expressões referenciais indefinidas associadas ao imperfeito permitem a construção de

uma operação de translação, ponto a ponto, entre os dois planos enunciativos. Assim, exemplos como

- Era uma vez uma rapariga .../três porquinhos / uma jovem princesa / um rapaz chamado João....
- Há muito, muito tempo...Num reino muito distante, vivia um moleiro...
- Por detrás das moitas, para lá do rio, bem no meio da floresta, vivia uma família de ursos....
- A Galinha pequena vivia...
- A pitoresca cidadezinha de Hamelin tinha tudo o que uma comunidade pode desejar....

ilustram o que atrás se afirmou.

A leitura destes contos – tomados como sequências textuais que obedecem a um padrão – permitem discutir a possibilidade, ou a impossibilidade, de se poder ler (e interpretar) os contos de fadas no séc. XXI a partir de marcas linguísticas que respeitem uma continuidade formal. Esta possibilidade permite ainda que se interprete, por exemplo, as aberturas dos diferentes contos (*Era uma vez; naquele tempo, ...*) como portadoras de informação que, cognitiva e linguisticamente, apontam para um plano temporal diferente do que é definido pelo tempo da enunciação/narração. Neste sentido, um dos pontos interessantes de sublinhar prende-se com a hipótese de se construir uma ‘dupla articulação’ que relaciona o que é do ‘tempo do conto’ e o que é do

‘tempo da enunciação’. Esta ‘dupla articulação’ gera sequências que desencadeiam uma nova leitura, que nada tem que ver com o tempo de referência construído em cada um dos textos analisados – ou paradigmaticamente no seu conjunto – , mas com valores de natureza subjectiva de cada um dos tempos em que o conto é lido.

Ao estabelecer-se uma relação entre o que é contado [narrado] e o que é exposto [descrito], pode, no seguimento de Bronckart (2009: 59), assumir-se a existência de ‘mundos discursivos’: “(...) Ces mondes discursifs se construisent sur la base de deux types d’opérations. Les premières explicitent le rapport existant entre le contenu thématique d’un texte et les coordonnées du monde externe. (...) les seconds ont trait à la mise en rapport entre (...) les différents instances d’agentivité (...) et leur inscription spatio-temporelle, telles qu’elles sont mobilisées dans un texte, (...)”

A relação que se estabelece entre estes ‘mundos’, propicia uma articulação entre a estabilidade formal do tipo de discurso e a deformabilidade situacional de cada conto, relação essa que desencadeia (ou tende a desencadear) uma inter-relação entre os valores (das formas) construídos e as formas (gramaticais), sendo esta uma relação mediatizada através de formas

linguisticamente interpretáveis (Culioli 1991).

3 - Nos textos analisados encontra-se uma sistematicidade de valores – quase sempre associadas a formas gramaticais constantes. Em termos gerais podemos encontrar nestes textos 3 marcas temporais que ocupam lugares mais ou menos estáveis na estrutura dos textos: o imperfeito do indicativo (marcador de ruptura em relação ao plano da enunciação e, por consequência em relação ao sistema referencial em que o sujeito da enunciação se localiza *Há muito, muito tempo...Num reino muito distante, vivia um moleiro... / Por detrás das moitas, para lá do rio, bem no meio da floresta, vivia uma família de ursos....*, o pps – como marcador de uma anterioridade organizada num eixo temporal que satisfaz simultaneamente o que se conta e o que se diz, o presente com valor de simultaneidade (sobreposição) em relação a um sistema referencial outro, que não o do tempo da enunciação. Na quase totalidade das sequências analisadas, o valor aspectual das diferentes situações é de não perfectividade.

Assim, os valores dos tempos gramaticais presentes nestes textos podem ser descritos tendo em conta, por um lado, a sistematicidade das formas que permitem definir um plano (outro)

de enunciação através das marcas de localização temporal e espacial: (*Num reino recôndito e longínquo / Lá muito longe da terra / há muito, muito tempo /*), por outro lado, verifica-se a existência de um movimento pendular (marcado por cadeias temporais anafóricas) que permitem encontrar nos textos uma sequência regular de formas verbais: imperfeito (1º momento) > formas de perfeito (2º momento) > presente do indicativo (3º momento).

Uma outra questão relevante a sublinhar será o facto de, na edição destes contos serem integradas (na narração) formas não usadas nos contos tradicionais, violando-se, deste modo, um paradigma assumido social e culturalmente (*Numa terra que nem por isso era muito longe*) (sublinhado meu).

O quadro que a seguir se apresenta, com dados retirados do conto ‘a pequena sereia’ recriada por Gardner, sintetiza aquilo que Miranda (2001) propõe em relação à organização temporal como marcador de género¹ no processo de intertextualização (Miranda 2007: 167 e segs), tendo em conta a diferença existente entre “(...) a organização temporal global e organização temporal

¹ “(...) funcionamento indicial dos diferentes mecanismos de realização textual observáveis nos textos empíricos, quando eles permitem recuperar os parâmetros genéricos que actualizam (...)” (op. cit. 167)

parcial, incluindo-se nesta o valor das formas deícticas e [alguns] valores das formas verbais (...):”:

Tempos gramaticais	imperfecto	pps	presente
Localização deíctica espacial	Lá muito longe da terra, afastado da orla costeirado seu palácio em direcção à superfície mas tu és uma sereia.... Fazes mais um comentário machista e vais para casa a nado....
Localização deíctica temporal	[Antes dos 15 anos de idade]	Até que chegou a data do seu 15º aniversário	[antecipação / presentificação / construção de um fim]
Sequência narrativa	Situação inicial A vida das sereias como realidade/ a vida dos humanos como ficção	Complicação /acção Encontro com um ser humano	Resolução / situação final / moral Reencontro / transformação/ final [feliz]

Assim, independentemente da história que todos sabemos, os pontos de divergência são de ordem narrativa: a história é a mesma (espaço/ personagens / conflito) só que todos estes elementos são construídos de forma simétrica: (a ficção das sereias vs a ficção dos homens, o final infeliz vs o final feliz proposto por Gardner). Tempo-ralmente as duas histórias seguem um mesmo padrão, e é esse padrão que permite que possamos reconhecer a história na sua nova versão transformada.

4. No estudo dos tempos gramaticais do Português poderemos encontrar uma constante que se articula segundo dois vectores, tendo em conta a forma como se manifestam nos diferentes textos/discursos: existência de uma ambiguidade entre tempo [cronológico] /valor temporal construído na enunciação; existência de uma relação não biunívoca entre marcadores e valores temporais.

Assim, um tratamento linguístico adequado do funcionamento dos ‘tempos’ gramaticais deverá incluir referências às diferentes possibilidades disponibilizadas pelas gramáticas em função dos valores temporais, modais e aspectuais que as respectivas formas verbais evidenciam e integrar na análise dos diferentes formas as localizações temporais (e espaciais) que delimitam os seus diferentes valores.

Se tomarmos, como ilustração do que atrás se disse, o excerto de José Pedro Martins Barata (2003) em que há sobreposição temporal entre dois ‘tempos’ de uma mesma história

A donzela **chora** acorrentada ao rochedo guardada pelo dragão horrendo, mas o heróico cavaleiro **enfrenta-o** num combate desigual e **salva-a**. (...)

.....
(...) Mas os dragões **escasseiam**, as donzelas já não se **deixam** acorrentar em antros tenebrosos
(...)

poderemos verificar que existem só marcas do presente do indicativo quer no primeiro bloco de texto, quer no segundo. Esta aparente repetição é mesmo só aparente (ou formal), já que, pelas construções em que essas formas ocorrem, poderemos verificar que os valores construídos, num e noutro caso, são diferentes. Assim, poder-se-á propor que existe um 1º valor do Presente que remete para uma visualização de um dado acontecimento, obrigando o leitor a reter a imagem enquanto ela é descrita. Diremos que estamos face a um valor de presente de reportagem. O 2º valor do Presente – que ocorre no segundo bloco marca a mera constatação [subjectiva] de um dado estado de coisas, articulando uma interpretação categórica de um Sujeito Enunciador – partilhada pelo senso comum do leitor. O valor habitual (genérico) é o valor construído, sendo por isso, o enunciado ‘atemporal’ (no sentido de Lyons 1977).

Em Lopes ([1985] 2005) encontramos uma generalização que de alguma forma enquadra os diferentes valores de Presente. Neste texto, o autor defende que o Presente (enquanto forma grammatical) pode marcar valores deícticos (o presente deíctico) que tem um espectro de uso mais alargado (marcado também com formas adverbiais, como *hoje*); o presente em que se processa a própria enunciação da frase e “(...) o intervalo indefinido atribuído a um percurso até ao momento da enunciação (...)”.

Esta síntese, satisfaz gramaticalmente os princípios gerais do que é possível dizer sobre o ‘presente’. No entanto, e se recuperarmos a afirmação de Comrie (1985: 16) “(...) What one rather finds typically is the choice of speech situation as the reference point, i.e., the present moment (for time), the present spot (for space) and the speaker and hearer (for person) (...)” que a leitura (e a análise) dos textos pode, assim, ser vista como a busca dos tempos (perdidos e encontrados).

Foi esta busca que orientou este trabalho. O Presente foi, apenas, um caso de estudo.

Referências:

Bronckart, J.P. 1997. "La temporalité des discours, comme contribution à la reconfiguration des actions humaines". In : *Travaux du Centre de Recherches Sémiologiques*, 65, 39-65.

Comrie, B. 1986. *Tense*. Cambridge, CUP.

Culioli, A. 1991. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Paris: Ophrys.

Lopes, O. [1985] 2005. *Entre a palavra e o discurso: Estudos de Linguística (1977-1993)*. Porto: Campo das Letras, 2005

Miranda, F. 2007 *Textos e géneros em diálogo: uma abordagem linguística da intertextualização*. Diss. de Doutoramento: Universidade Nova de Lisboa (ms).

Sousa, O. 2007 *Tempo e aspecto. O imperfeito num corpus de aquisição*. Lisboa: Colibri/ IPL

Outros Textos:

James Finn Garner 1996. *Histórias de Fadas Politicamente Correctas*. Lisboa: Gradiva.

José Pedro Martins Barata 2003. Conto. EGOÍSTA 16